

Uma Contribuição de Nietzsche à Filosofia Moral: a Hipótese do Eterno Retorno do Mesmo Como Imperativo de Avaliação das Ações

A Contribution of Nietzsche to the Moral Philosophy: the Hypothesis of the Eternal Return of the Same like Imperative of Evaluation of the Actions

Lucas Giovan Gomes Acosta¹

Resumo

Neste presente artigo, analisa-se a doutrina do eterno retorno do mesmo como hipótese avaliativa das ações morais. Nietzsche, ao propor o pensamento da eterna recorrência como o mais pesado dos pesos estaria vislumbrando um critério formal para toda ação possível, de maneira análoga ao imperativo kantiano. Ao olhar para esse último, poder-se-á desenvolver o pensamento de Nietzsche como contribuição a filosofia moral, especialmente porque o filósofo formulou a doutrina da eterna recorrência contra o kantismo. Nesse sentido, a versão ética do eterno do mesmo deveria ser capaz de fornecer uma compreensão da moralidade moderna, uma interpretação ética. Discute-se em que consistem as discussões que ocorrem em torno do pensamento de Nietzsche, e em específico, no que se refere ao pensamento do eterno retorno.

Palavras-Chave: Eterno Retorno do mesmo; Imperativo; Moral.

Abstract

In this article, we analyze the doctrine of the eternal return of the same as an evaluation hypothesis of moral actions. Nietzsche, in proposing the thought of eternal recurrence as the heaviest of weights, would be glimpsing a formal criterion for every possible action, in a manner analogous to the Kantian imperative. In looking at the latter, one can develop Nietzsche's thinking as a contribution to moral philosophy, especially since the philosopher formulated the doctrine of eternal recurrence against Kantianism. In that sense, the ethical version of the eternal of it should be able to provide an understanding of modern morality, an

¹ Possui graduação em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Pampa (2016). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ethical interpretation. It is argued that the discussions that take place around Nietzsche's thinking, and specifically, the thoughts of the eternal return, are discussed.

Keywords: Eternal Return of the same; Imperative; Moral.

Dentre os clássicos da filosofia moderna, Nietzsche talvez seja o pensador mais cáustico, questionador, incômodo e provocativo. Como destaca Giacóia (2000) sua vocação crítica cortante o levou ao submundo de nossa civilização, “[...] sua inflexível honestidade intelectual denunciou a mesquinhez e a trapaça ocultas em nossos valores mais elevados, dissimuladas em nossas convicções mais firmes, renegadas em nossas mais sublimes esperanças” (GIACOIA, 2000, p. 6). Essa atitude deriva do que Nietzsche entendia por filosofia.

A propósito disso, as reações que se sucedem daqueles que o leem vão desde a repulsa pura e simplista, até o encantamento ante a beleza de alguns trechos. No *Ecce homo* (2008) escreve acerca dos seus leitores: “Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar” (NIETZSCHE, 2008, p.16). Nietzsche compreende o ato de filosofar como um exercício de liberdade que se enraíza na vida.

Conhecido por sua mordacidade, eloquência e por seu compromisso pela autenticidade da reflexão que exige vigilância crítica e permanente de modo a denunciar qualquer mistificação da intelectualidade, colocou em suspeita grandes pressupostos e ideais que, durante milênios, determinaram o curso da tradição filosófica ocidental. A saber, a bipartição metafísica do mundo em um mundo real e mundo aparente, a religião, a moral, o conhecimento, a verdade, a cultura, e até mesmo, a filosofia. Para tanto, não poupou nenhum dos nossos mais acalentados artigos de fé. “O destino da cultura, o futuro do ser humano na história, sempre foi sua obsessiva preocupação. Por causa dela, submeteu à crítica todos os domínios vitais de nossa civilização ocidental [...]” (GIACOIA, 2000, p.6).

De acordo com Fink (1983) Nietzsche é uma das maiores figuras vitais na história das ideias do Ocidente, um ser fatídico que nos obriga a tomar decisões finais, um formidável ponto de interrogação no caminho percorrido até agora pelo homem europeu, determinado pela herança da Antiguidade e por dois milênios de cristianismo. Nietzsche é um dos grandes mestres da suspeita, que denuncia a moralidade e a política moderna como transformação vulgarizada de antigos valores metafísicos e religiosos, numa conjuração subterrânea que

conduz ao amesquinamento das condições nas quais se desenvolve a vida social. É um dos mais intransigentes críticos do nivelamento e da massificação da humanidade

É impossível se colocar à altura dos principais temas e questões de nosso tempo sem entender o pensamento de Nietzsche. Ateísta radical, ele atribui ao homem a tarefa de se reapropriar de sua essência e definir as metas de seu destino. Nesse sentido, Nietzsche é o pensador de nossas angústias, que não poupou nenhuma certeza estabelecida. A despeito de sua visão sombria, o filósofo tentou ser, ao mesmo tempo, um arauto de novas esperanças. Sua mensagem definitiva — a criação de novos valores, a instituição de novas metas para a aventura humana na história — é também um cântico de alegria.

A partir de um dos seus pensamentos mais complexos e de difícil apreensão — a doutrina do eterno retorno do mesmo — busca-se evidenciar sua contribuição à filosofia moral. Para tanto, o presente trabalho consiste em lançar mão da doutrina do eterno retorno do mesmo como hipótese cosmológica e ético-existencial de avaliação das ações morais.

O pensamento do eterno retorno do mesmo, é o pensamento mais difícil do universo nietzschiano de reflexão, é quase sempre qualificado por Nietzsche de “doutrina”, isto é, aparece como objeto de ensino de Zarathustra. Aparece explicitamente no texto de *Gaia Ciência*, na seção 341 “O maior dos pesos”. Ao apresentar o pensamento da eterna recorrência — não apenas a forma cosmológica, mas também a forma ética existencial — como o mais negro e mais pesado, Nietzsche, prescreve um método avaliativo que visa avaliar as condutas humanas. Isso significa que, em vez de dizer que qualquer coisa que eu faça é apenas uma repetição de algo que farei infinitas vezes, vejo que qualquer coisa que eu faça agora farei repetidamente por toda a eternidade. É por isso que esse pensamento coloca agora o maior dos pesos. É nesse viés, que o pensamento da eterna recorrência nos forneceria um critério formal para toda a ação possível, de uma maneira análoga ao imperativo kantiano, fomentando assim a possibilidade de se vislumbrar uma moral trágica.

Enquanto crítico-genealogista da moral, de acordo com Araldi (2008), Nietzsche coloca sob suspeita a crença em toda a moral. Ao revelar as fundações, o filósofo destrói o que se sustenta sobre elas. Eis o trabalho do filósofo das profundezas e a parte destrutiva da Filosofia de Nietzsche. Há também a parte construtiva: forjar uma nova moralidade sem recorrer a qualquer fundamento metafísico. Nietzsche toma a moralidade como um problema filosófico e não apenas como o ponto a partir do qual se discutem problemas. Como destaca Fonseca (2010), não mais o conteúdo da moralidade, mas a própria ideia de uma moralidade é um problema filosófico.

Ao criticar a moralidade, ao fazer ruir o antigo edifício, Nietzsche vislumbra moralidades possíveis, por exemplo, a moralidade trágica que não se baseia em algo como “Deus, virtude, verdade, justiça, amor ao próximo” (NIETZSCHE, 2004, p.8), mas que afirma a vida e sua inevitável dualidade, estando para além do bem e do mal. Dito de outra maneira, uma moralidade de um imoralista. Ao se dizer um imoralista, Nietzsche não está dizendo que não tem moral, que é um amoral, ao contrário, ele está dizendo que não segue a moralidade vigente.

Eis o problema com a qual nos deparamos: i) Qual moralidade pode ser seguida por um imoralista? ii) Que critérios Nietzsche utiliza para avaliar os valores morais? Cogita-se a possibilidade de encontrar essa resposta no eterno retorno do mesmo como imperativo prático, no entanto: seria possível tomar o Eterno retorno do mesmo um método de avaliação moral das ações? Com essa ideia, nos possibilitaria Nietzsche, vislumbrar sua pretensão de superar a moralidade vigente, tendo como fio condutor a “face ética” do eterno retorno do mesmo; um método que, na forma de imperativo prático, proporcionaria avaliar o nosso agir?

1 Nietzsche como filósofo da moralidade: a descrição da fraqueza e a prescrição de uma moral aristocrática

Friedrich Nietzsche teve na questão da moral seu principal tema, abordando os valores morais e sua influência na vida humana. Contudo, não é mais um entre tantos filósofos a buscar constituir atitudes que se estabeleceriam como corretas e assim propiciar o bem viver a todos; sua filosofia tampouco visa conduzir o homem à virtude e ao bem comum.

A partir do ponto de vista adotado por este trabalho, as contribuições de Nietzsche à filosofia moral apresentam algumas vantagens em relação a outras teorias morais. Eis a primeira delas: Nietzsche compreende que os seres humanos não devem ser descritos apenas de uma única forma, ao contrário, critica a pretensão que se tem em dizer que o homem deve ser assim ou assim. “[...] que ingenuidade é dizer ‘assim e assim deveria ser o homem’” (NIETZSCHE, 2006, p. 29). Segundo Fonseca (2010), existe consequências nefastas não apenas para o indivíduo, mas por extensão a toda humanidade dizer que o ser humano deveria ser “*so und so*” (assim e assim). Consequências que consistem, basicamente, em eliminar o que é peculiar a cada indivíduo e, ao homogeneizar e domesticá-los, torná-los previsíveis e, por isso, confiáveis.

Nietzsche descreve a maioria dos seres humanos como fundamentalmente fracos, para ele a exigência da criação de valores para esses seres humanos enfraquecidos que

anseiam em se tornarem o que não são é uma ideia insuportável, insustentável. Para tanto, prescreve uma moral aristocrática que pressupõe a desigualdade, a hierarquia entre os seres humanos, que os exorta a serem criadores de seus próprios valores. Em ‘Para Além do Bem’ e do Mal, enfatiza “A elevação maior do tipo ‘homem’ foi até agora obra de uma sociedade aristocrática. Parece que assim será sempre. Por se tratar de uma sociedade que acredita numa longa escala de hierarquias e diferenças de valor de homem para homem” (NIETZSCHE, 2005, p. 153). Nietzsche compreende assim, o homem aristocrático como a “fera” mais completa.

Entretanto, cabe ressaltar que há diferenças no *Übermensch* —Além — do — homem — o tipo ideal nietzschiano e quem os seres humanos em geral podem vir a ser. No campo da moralidade, pode-se dizer que o dever-ser está limitado pelo ser. A fraqueza não deve necessariamente ser superada. Pois, Nietzsche reconhece que os seres humanos são diferentes e todos devem tornar-se o que são, ou seja, não se vislumbra melhorar os seres humanos por meio do que os outros desejam que sejam. O dever-ser pode tornar o homem confiável, mas enfraquecê-lo, enfraquecer a sua própria existência. Em um fragmento póstumo da primavera-outono de 1881, lê-se o seguinte:

Minha doutrina diz: a tarefa consiste em viver de tal modo que queiras viver novamente... Em quem a aspiração desperta o sentimento mais elevado, que aspire; em quem o descanso desperta o sentimento mais elevado, que descanse; em quem a ordem, a continuidade e a obediência despertam o sentimento mais elevado, que obedeça. Que ele se torne consciente do que lhe desperta o mais elevado sentimento e não evite meios (Apud, FONSECA, 2010, p. 37).

Nietzsche, então nos prescreve a questão fundamental de sua filosofia: ser criador de valores de seus próprios valores e, assim, tornar-se quem se é. O homem criador é o homem livre, pois, é somente na plena realização de sua liberdade que o criador pode criar. Em outras palavras, há criação onde há liberdade. O exercício de liberdade é o que torna o homem criador, entretanto, nem sempre é alcançável por todos os homens, pois, não basta dizer ao homem tu és livre para que este se torne realmente livre e criador.

A culpa não é da liberdade se muitos homens não podem exercitá-la, a culpa é do homem que a teme, pois, quem teme a liberdade não pode ser criador. Para tanto, Nietzsche compreende que a primeira libertação do homem consiste em libertar-se a si mesmo, há uma intensa luta dentro de nós mesmos, é preciso travar essa luta contra todos os nossos próprios demônios. Em ‘Assim falou Zaratustra’ (NIETZSCHE, 2011), Nietzsche introduz os discursos ‘Das Três Transformações’ que nos possibilitam vislumbrar esse grande ato de

liberdade do homem, essa liberdade criadora, esse querer criador. Mas para isso é fundamental que o homem saia da dependência para a independência e do niilismo passivo ao ativo, isto é, para a criação.

Criar novos valores [...] Para criar para si mesmo a liberdade e dar um sagrado não ao dever [...], assumir o direito de novos valores – é o mais formidável dos pressupostos, para a suportaçãõ e a reverência de um espírito. [...] Sim, é preciso um sagrado Sim, meus irmãos, para o jogo da criação: o espírito quer agora a sua vontade, aquele que se apartou do mundo quer conquistar agora o seu mundo. Nomeei-vos três transformações do espírito: como o espírito tornou-se um camelo, o camelo um leão, e o leão, por fim, uma criança (NIETZSCHE, 2011, p. 34).

É claro que o conteúdo desses valores depende de cada agente. Há diversas passagens no ‘Assim falou Zaratustra’ (NIETZSCHE, 2011) em que Nietzsche afirma que os seres humanos devem ser criadores de seus próprios valores. A saber, na segunda parte de a “Da virtude dadivosa” Nietzsche discursa aos seus discípulos “Que o vosso espírito e a vossa virtude sejam devotados ao sentido da terra, meus irmãos: deixai que o valor possa ser determinado novamente por vós. Vós deveis, portanto, ser lutadores! E assim sereis criadores” (NIETZSCHE, 2011, p.118). É importante ressaltar que, Zaratustra está prestes a partir sozinho, como deseja, quando fala a seus seguidores; pela boca da personagem, Nietzsche ensina como deseja ser lido e compreendido. Segundo Fonseca (2010) dois aspectos fundamentais podem ser vislumbrados na fala de Zaratustra/Nietzsche: 1) Zaratustra/Nietzsche não quer discípulos, mas companheiros. 2) Seus companheiros devem ser criadores de valores.

Ao desejar companheiros, Zaratustra, busca, portanto, interlocutores, e não seguidores. Zaratustra não é uma muleta, não é sustentação, não é apoio para alguém. “Segure-se em mim quem puder! Mas não sou a vossa muleta” (NIETZSCHE, 2011, p. 57). Cada um deve ser forte o suficiente para suportar a si mesmo e para suportar ser criador de seus próprios valores morais. A exigência para a criação de nossos próprios valores morais não significa que devemos estar em busca constante de novos valores, mas que podemos adotar como nossos os valores que aprendemos com os outros. Logo, criar valores não significa apenas inventar novos valores morais. Mas antes, significa, igualmente, tomar valores para si e tornar-se quem se é.

Nietzsche com isso não assume uma postura apenas de elogio diante de todos os valores morais criados pelo homem. Ao contrário, Sócrates, por exemplo, enquanto criador de

valores, é amplamente criticado por Nietzsche². O elogio de Nietzsche se dirige a todos os criadores de valores que servem ao sentido da Terra, de afirmação e enaltecimento da vida.

A segunda vantagem que conseguimos vislumbrar em Nietzsche consiste na interpretação da ideia do eterno retorno do mesmo como um possível critério de avaliação das ações morais. Acerca do eterno retorno Nietzsche explicita em *Ecce Homo*:

A doutrina do “eterno retorno”, ou seja, do ciclo absoluto e infinitamente repetido de todas as coisas – essa doutrina de Zarathustra poderia afinal ter sido ensinada também por Heráclito. Ao menos encontram-se traços dela no estoicismo, que herdou de Heráclito quase todas as suas ideias fundamentais (NIETZSCHE, 2008, p. 61-62).

A vantagem do critério nietzschiano de avaliação moral das ações consiste no fato de que esse critério não é o mesmo para todos os indivíduos. O que é possível vislumbrar como sugestão comum a todos nós a despeito dessa avaliação é o fato de que devemos avaliar as nossas ações tomando como critério de atribuição moral a ideia de viver a mesma vida uma infinidade de vezes possíveis, e assim realizar as mesmas ações infinitas vezes, tal concepção é adotada como critério moral das ações. Porque os seres humanos não são fundamentalmente iguais, não há possibilidade de haver um critério de avaliação moral que seja aplicável por todos os seres humanos objetivando obter os mesmos resultados.

Assim, compreende-se que, moralidades se aplicam a tipos humanos diferentes. Não há moralidades que prescrevem a todos os seres humanos critérios de avaliação moral das ações, pois se tem a pretensão de que todos os seres humanos devam se comportar do mesmo modo. Contudo, há moralidades que prescrevem critérios de avaliação moral, entretanto, evidenciam o reconhecimento de que as atribuições de valores decorrem de certas condições diferenciadas, ou seja, fisiológicas e psicológicas de cada um. E Nietzsche, defende claramente, essa segunda forma de moralidade.

De acordo com Fonseca (2010) a moralidade nietzschiana difere-se das demais formas de moralidade, pois, Nietzsche reconhece a diferença como ponto fundamental entre os seres humanos. Essa ideia de igualdade surge “[...] no final da Idade Antiga com o cristianismo. Na Idade Moderna, quando a suposição da igualdade entre os seres humanos se estende a concepções jurídicas e políticas [...]” e assim, “[...] difunde-se a ideia de que todos devem ser tratados igualmente” (FONSECA, 2010, p. 37).

² Ver: FONSECA, Ana Carolina da Costa e. “Os dois sentidos da crítica nietzschiana: Sócrates como um caso exemplar”. Revista Veritas, Porto Alegre, v. 57, nº1, Jan/Abr. 2012.

Acerca da crítica de Nietzsche a ideia de igualdade o filósofo afirma em *Anticristo*: “A venenosa doutrina dos ‘direitos iguais para todos’ foi propagada como um princípio cristão” (NIETZSCHE, 2016, p. 49). Nietzsche trata, portanto, a ideia de igualdade de direitos como um verdadeiro veneno. Um veneno que gangrena o corpo social, que revela um discurso que se apoia sobre a supérflua e mentirosa ideia de igualdade dos homens e que favorece o instinto gregário mais vulgar. Uma ideia que repousa sob a noção de justiça, mas não faz justiça ao indivíduo. E assim no *Anticristo* ataca: “A ‘igualdade das almas perante Deus’ – essa fraude, esse pretexto para o rancor de todos os espíritos baixos — essa ideia explosiva terminou por converter-se em revolução, ideia moderna e princípio de decadência de toda ordem social — isso é dinamite cristã” (NIETZSCHE, 2016, p. 78).

Nietzsche continua a disparar críticas à ideia de igualdade em o *Anticristo*, e no mesmo sentido, Zarathustra fala a seus expectadores: “Porque os homens não são iguais: assim fala a justiça” (NIETZSCHE, 2011, p. 198). Anteriormente, Zarathustra dissera: “Não quero ser misturado a esses sacerdotes da igualdade, nem ser confundido por um deles. Pois que assim a justiça me fala: ‘Os homens não são iguais’” (NIETZSCHE, 2011, p. 152). Nietzsche compreende, portanto, que os homens não são iguais, e tratá-los de modo diferente significa tratá-los justamente. Zarathustra é aquele que se reconhece como criador de valores; como um ser que quer sua *Wille zur Macht* — vontade de poder — e, reconhece que a forma como está organizada a sociedade, tem-se a impossibilidade da criação de valores. Na verdade, concebem-se “[...] conceitos, ensinamentos e símbolos que tiranizam as massas e forma rebanhos” (NIETZSCHE, 2016, p. 48).

Essa aparente tentativa de homogeneidade do querer faz com que se molde os seres humanos e, tentar torná-los iguais, exige uma moralidade única, mas em *Aurora*, Nietzsche afirma:

[...] não há uma moral única determinando o que é moral, e que toda moralidade que afirma exclusivamente a si própria mata muitas forças boas e vem a sair muito cara para a humanidade. Os divergentes, que tantas vezes são os inventivos e fecundos, não devem mais ser sacrificados; já não deve ser tido por vergonhoso divergir da moral, em atos e pensamentos; devem ser feitas inúmeras tentativas novas de existência e de comunidade; um enorme fardo de má consciência deve ser eliminado do mundo – tais metas universais deveria ser reconhecidas e promovidas por todos os homens honestos que buscam a verdade (NIETZSCHE, 2004, p. 90).

E aqui, a o que se considerar acerca das razões para evitar a eliminação da má consciência no mundo:

Cada ação individual, cada modo de pensar individual provoca horror; é impossível calcular o que justamente os espíritos mais raros, mais seletos, mais originais da história devem ter sofrido pelo fato de serem percebidos como maus e perigosos, por perceberem a si próprios assim. Sob o domínio da moralidade do costume, toda espécie de originalidade adquiriu má consciência; até o momento de hoje, o horizonte dos melhores tornou-se ainda mais sombrio do que deveria ser (NIETZSCHE, 2004, p.12).

A ética nietzschiana, nesse sentido, contrapõe-se as demais teorias filosóficas que visam refletir a partir de um ponto comum a todos. A ética nietzschiana reflete sobre a agência a partir dos indivíduos. Essa seria uma moral aristocrática de afirmação, de enaltecimento da vida e da Terra.

Entretanto, antes de continuarmos a analisar a contribuição ética do eterno retorno do mesmo como hipótese avaliativa das ações morais, faz-se necessária uma digressão de forma a possibilitar a intenção de Nietzsche ao formular seu pensamento abissal.

2 O pensamento mais elevado e abissal

No *Ecce Homo*, Nietzsche afirma que a doutrina do eterno retorno do mesmo é “[...] a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar, é de agosto de 1881: foi lançado em uma página com o subscrito: ‘seis mil pés acima do homem e do tempo’” (NIETZSCHE, 2008, p. 79-80). O pensamento da eterna recorrência constitui a concepção básica de ‘Assim falou Zaratustra’. Como o pensamento mais elevado, mais terrível, mais profundo e mais abissal que conduz à eterna repetição sem sentido ou fim de tudo, Nietzsche acaba por caracteriza-lo enquanto experiência do pensamento como o “mais pesado dos pesos”. Na *Gaia Ciência* (2012, p. 205) aparece pela primeira vez como desafio e hipótese:

O mais pesado dos pesos. — E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência [...]”. Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um Deus, e nunca ouvi nada mais divino!” Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta, diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir!

O pensamento da Eterna recorrência, de um tempo circular, parece não ser uma ideia nova. Nietzsche explicita em uma passagem de *Ecce Homo* que essa doutrina possui relação com Heráclito, ou melhor, que poderia ter sido ensinado por Heráclito. O pensamento do eterno retorno coloca-se como referência suprema após a morte de Deus. Como um novo peso, a eternidade se realiza no tempo, o que pode mudar todo o âmbito dos valores. Assim, o eterno retorno é a condição necessária para a transvaloração de todos os valores. É a condição necessária para a superação do niilismo.

O aforismo 341 da *Gaia Ciência* que tem como título “o maior dos pesos” parece possibilitar um sentido duplo. Por um lado como o maior dos pesos, o eterno retorno sufocará o ressentido, o fraco, o decadente, aquele que não suporta a vida como ela é, e muito menos a sua eterna repetição; já para o homem afirmador, aquele que aprova a vida em sua totalidade, bem como o eterno retorno do mesmo será a condição necessária para a criação de valores. Por outro lado, o eterno retorno parece evidenciar um aspecto ético e outro cosmológico. Num fragmento póstumo, aponta nessa direção:

E sabeis sequer o que é para mim “o mundo”? (...) Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, (...) jogo de forças e ondas de forças ao mesmo tempo um e múltiplo, (...) afirmando ainda a si próprio, nessa igualdade de suas trilhas e anos, abençoando a si próprio como Aquilo que eternamente tem de retornar (...) (NIETZSCHE, 1885, p. 38).

A doutrina da eterna recorrência, em seu aspecto cosmológico, ensina que o universo consiste num movimento eterno de repetidos ciclos cósmicos. Em seus ciclos, tudo se repetiria e retornaria de forma idêntica e na mesma ordem sequencial. Tudo tem que eternamente retornar “na mesma ordem e sequência”. Ao apresentar a doutrina em seus escritos publicados em vida, o filósofo não se preocupa em oferecer um embasamento teórico. Em ‘Assim falou Zaratustra’, por exemplo, a doutrina aparece de maneira quase poética na parte final de o *Convalescente*:

Vê, sabemos o que ensinas: que todas as coisas eternamente retorna, e nós mesmos com elas, e que eternas vezes já estivemos aqui, juntamente com todas as coisas. Ensinas que há um grande ano do vir-a-ser, uma monstruosidade de grande ano: tal como uma ampulheta, ele tem de virar sempre de novo, a fim de novamente escorrer e transcorrer: – de modo que todos esses anos são iguais a si mesmos, nas coisas maiores e também nas menores – de modo que nós mesmos somos iguais a nós mesmos em cada grande ano, nas coisas maiores e também nas menores. [...] “Agora morro e desapareço”, falarias, “e num instante serei nada. As almas são tão mortais quanto os corpos. Mas o nó de causas em que estou emaranhado retornará – ele me criará novamente! Eu próprio estou entre as causas do eterno retorno. Retornarei,

com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente – não para uma vida nova ou uma vida melhor ou uma vida semelhante: – Retornarei eternamente para esta mesma e idêntica vida, nas coisas maiores e também menores, para novamente ensinar o eterno retorno de todas as coisas, [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 351-352).

De acordo o trecho citado supra, os animais de Zaratustra, a saber, a águia e a serpente fazem referências às noções que integram o pensamento do eterno retorno do mesmo, como por exemplo, “o grande ano do vir-a-ser”, como “as causas do eterno retorno”. As personagens estão longe de realizarem uma explicação propriamente teórica, na verdade, uma argumentação cosmológica que tenta justificar repetições cósmicas será efetivamente realizada nos fragmentos póstumos. “Em suma, enquanto que, nas obras publicadas, Nietzsche recorre a uma linguagem mais poética, nos póstumos, ele lança mão — na maioria das vezes — de um discurso argumentativo e faz uso de um vocabulário científico” (NETO, 2013, p. 85).

Nietzsche foi influenciado por questões da investigação científica da época. É inevitável, portanto, não ressaltar a relação do pensamento nietzschiano com as ciências naturais. Marton (2010) enfatiza a importância dos trabalhos dos biólogos Rolph e Roux para a criação do conceito de vontade de poder. Em Boscovich (século XVIII), físico, matemático e astrônomo croata, Nietzsche buscou um dos conceitos fundamentais para sua cosmologia, o conceito de força. Em ‘Para além do bem e do mal’ (2005), Nietzsche escreveu sobre Boscovich: “[...] Boscovich nos ensinou a abjurar a crença na última parte da terra que permanece firme, a crença na ‘substância’, na ‘matéria’, nesse resíduo e partícula da terra, o átomo [...]” (NIETZSCHE, 2005, p. 18). Porém, ao conceito de força mecânica newtoniana, o filósofo acrescentou um caráter intrínseco, um mundo interior: a vontade de poder. Em dois fragmentos póstumos, escreve Nietzsche:

O vitorioso conceito de ‘força’, com o qual nossos físicos recriaram Deus e o mundo, necessita ainda de uma complementação: é necessário aditar-lhe um mundo interior, ao qual eu chamo de ‘vontade de potência’. Uma força que não podemos conceber (como a assim chamada força de atração e de repulsão puramente mecânica) é uma palavra vazia (...). “Todo acontecer derivado de propósitos é redutível ao propósito de ampliar a potência” (Nachlass/FP, 1885, apud NEVES, 2013, p. 287).

A vontade de poder aparece em ‘Assim falou Zaratustra’ (2011) ligada somente à vida “Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente encontrei a vontade de ser senhor. [...] onde há vida há também vontade [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 178). A vontade de poder permeia o modo de ser de todo vivente, ou seja, o mundo

orgânico. Contudo, posteriormente, Nietzsche passa a relacionar a vontade de poder ao mundo inorgânico, e a vida torna-se um caso particular da vontade de poder. Com a teoria das forças, a vontade de poder não se restringe apenas ao mundo orgânico, mas constitui agora a totalidade cósmica. O mundo como forças em luta, em disputa, buscando mais poder. Essas forças não aumentam nem diminuem, mas se efetivam numa eternidade imanente. Um mundo “tem que sempre retornar”.

Se o mundo pode ser pensado como grandeza determinada de força e como número determinado de centros de força — e toda outra representação permanece indeterminada e conseqüentemente inutilizável —, disso se segue que ele tem de passar por um número calculável de combinações, no grande jogo de dados de sua existência. Em um tempo infinito, cada combinação possível estaria alguma vez alcançada; mais ainda: estaria alcançada infinitas vezes (Nachlass/FP, 1888, apud NEVES, 2013, pp. 287-288).

Nietzsche apresenta seu argumento a favor da repetição das configurações cósmicas. As forças por serem finitas e/ou determinadas repetem seus arranjos num tempo infinito. Logo, “tudo na mesma ordem e sequencia retornaria infinitas vezes”. Numa eternidade imanente e no número finito de forças, a cosmologia nietzschiana funda-se.

Nietzsche apresenta sua “fórmula” cosmológica e argumenta da seguinte maneira: o tempo é tido como infinito, pois o mundo não teria sido criado nem teria fim; o devir não possui forma alguma de teleologia; o cosmo é composto por luta de forças incessantes; o número das forças que compõem o cosmo é finito, logo suas combinações são finitas. E conclui: todas as combinações teriam de se repetir sem nunca variar. Em uma anotação póstuma de 1888 argumenta:

A nova concepção de mundo – O mundo se conserva; não há qualquer coisa que devenida, qualquer coisa que passe. Ou melhor, ele devém, ele passa, mas ele jamais começou a devir e não cessará de passar – ele se mantém nestes dois processos ... ele vive de si mesmo: os seus excrementos são sua alimentação ... A hipótese de um mundo criado não deve nos preocupar nem mais um momento sequer. O conceito de criação é agora absolutamente indefinido, inaplicável: é somente uma palavra que permanece no estado rudimentar, desde os tempos da superstição (NIETZSCHCE, Friedrich, da primavera de 1888 apud NETO, 2013, p. 92).

O filósofo desqualifica a ideia de uma criação cósmica e proclama uma infinitude temporal seja para o passado, seja para o porvir. Para o homem moderno, tal concepção — possível após a morte de Deus — sobre a consideração do mundo completamente desprovido de começo e ao mesmo tempo de sentido final é catastrófico. “Nietzsche pretende sustentar a tese de que o mundo, mesmo sem o concurso de um Deus transcendente, mantendo-se

inalterável no seu conjunto, é eterno” (BARBOSA, 2010, p. 74). Sem a figura de um ser transcendente, pois, Deus está morto, o mundo perdeu toda a sua origem quanto a sua meta. O mundo é sem começo e fim, logo, pode ser concebido como eternamente retornando. No intuito também de se afastar do preconceito metafísico predominante na física moderna de um conceito de força infinita, que levaria a aceitação de um mundo ilimitado que, por sua vez, recairia em um princípio metafísico, Nietzsche concebe o conceito de força como quantidade finita e sempre igual.

O pensamento do eterno retorno do mesmo se imporia como refutação as concepções teológicas e científicas, porém, sem promover uma afirmação positiva sobre o mundo. Assim, parece que não há qualquer possibilidade de criação, novidade, superação, uma vez que tudo é repetição, (BARBOSA, 2010). O mundo de uma eterna repetição do mesmo não abriria a possibilidade para a criação. A própria experiência de superação do niilismo estaria fadada ao fracasso. Contudo, concordamos com Barbosa (2010), que a doutrina nietzschiana do eterno retorno do mesmo é o ultrapassamento absoluto do niilismo. Essa possibilidade se abre a partir do deslocamento da experiência do eterno retorno para o plano ético. “[...] o plano da moralidade aparece a Nietzsche como plano possível de uma experimentação ainda mais radical com a hipótese do eterno retorno”. A superação do niilismo, a criação de novos valores, a afirmação incondicional da vida, a transvaloração de todos os valores encontraria na efetivação da experiência do eterno retorno sua chance de efetivação.

A versão cosmológica do eterno retorno revelou as consequências das teologias cristã e científicas — na medida em que ambas tomam partido de um certo tipo de finalismo, respectivamente, metafísico e físico — e desse modo sua elaboração visou superar essas concepções teológicas a partir do conceito de força. Porém, como fica o plano da moralidade? “[...] com a ideia de que a ação humana já impossível, pois ela está destinada a se repetir em qualquer caso o que já está determinado” (HAASE, 2011, p. 128) seria possível avaliar as nossas ações? O pensamento da eterna recorrência nos forneceria uma compreensão da moralidade moderna? Haveria possibilidade para a criação de novos valores?

3 O Eterno Retorno do Mesmo como hipótese avaliativa das ações

O eterno retorno do mesmo parece possibilitar uma resposta possível para o problema da moralidade; aparece assim como um possível método de avaliação moral de

nossas ações conforme a autonomia e não-universal. É imprescindível que avaliemos constantemente nossas ações e, se desejarmos, que tentemos alterar o nosso comportamento. Isso é feito, por Nietzsche, de acordo com a utilização do eterno retorno do mesmo como imperativo prático.

Pois, compreende-se que a eterna recorrência, concerne, a afirmação da minha própria existência. Ela possibilita “a mais alta confirmação e garantia” ao “quem” que eu sou. Logo, conforme nos descreve Haase (2011) ela fundamenta a noção de liberdade não no nível de conhecimento como algo oposto ao mundo exterior, mas “no nível da minha inseparabilidade do mundo da ação” (HAASE, 2011, p.131). Assim, entende-se que, o pensamento da eterna recorrência poderia ser capaz de fornecer uma compreensão da moralidade moderna.

“A versão ética” do eterno retorno possui estrita ligação com a versão cosmológica. [...] a explicação ética da recorrência eterna precede a cosmológica. A formulação desse pensamento, contudo, também é lançado mão por Nietzsche enquanto hipótese ética de avaliação das ações. Nietzsche toma o eterno retorno do mesmo como um imperativo prático, pois, vislumbra a imprescindibilidade de se avaliar constantemente nossas ações. O filósofo usa a ideia da possibilidade de se revivê-las eternamente como critério de avaliação moral das mesmas. Sem recorrer a um critério procedimental de avaliação de nossas ações. Como destaca Deleuze (1976, p. 33, grifos do autor) “Como pensamento ético o eterno retorno é a [...] formulação da síntese prática: O que tu quiseres, queira-o de tal modo que também queiras seu eterno retorno”. Igualmente, se pensarmos que todas as ações serão refeitas por nós mesmos exatamente do mesmo modo, atribuímos a ela o peso da eternidade e da infinita recorrência. Não importa se devemos realizar as nossas ações porque são boas, mas sim porque desejaríamos realizar infinitas vezes. Nietzsche, toma o eterno retorno do mesmo como método mais apropriado para avaliar moralmente as ações, o estatuto moral e o modo como os seres humanos deveriam agir.

Igualmente como Kant, Nietzsche buscou desenvolver um método capaz de avaliar as ações e identificá-las como morais ou não. Entretanto, ambos divergem não apenas quanto ao método, ou quanto ao estatuto da ação moral, como também ao “modo” como os seres humanos deveriam agir. Nietzsche valoriza um ser capaz de afirmar seus instintos; os padrões de moralidade vigentes desde Sócrates nada mais fazem do que adestrar o ser humano, torna-lo fraco e previsível. Por isso, um genealogista da moral pergunta pelas

motivações morais que geram a concepção de agencia ideal que visa determinar como o ser humano deve agir para que ele seja digno da felicidade.

Kant e Nietzsche de acordo com Haase (2011) e Fonseca (2010) possuem em comum um imperativo prático. O que vai ao encontro da tese de Bailey (2011), que apesar do desdenho pelo filósofo, Nietzsche tenha desenvolvido uma série de interesses e compromissos kantianos. No entanto, enquanto Kant, busca um fundamento *a priori* para a moralidade, Nietzsche, reconhece a moralidade como conjunto de valores com validade espaço-temporal. O filósofo critica qualquer fundamento *a priori* para a moralidade, pois, estamos fadados a viver em um mundo previsível com valores não-absolutos.

Para tanto, a interpretação ética do eterno retorno, é um modo afirmativo de avaliação das ações. O agente deve se perguntar a respeito de cada uma de suas ações. A cada ação, se atribuiria o peso da possibilidade de ela ser revivida e refeita infinitas vezes. Portanto, a novidade do eterno retorno como imperativo prático, consiste na construção de um mundo completamente diferente do de Kant e que não valoriza a razão em detrimento das demais faculdades humanas. Submete, na verdade, a razão aos desejos dos agentes. O método de Nietzsche jamais seria parecido com algo como o imperativo categórico. Pois, ao avaliar as ações humanas sob o crivo da eterna recorrência, é o peso da repetição infinita, o modo como o agente suporta a ação que realizou, não a ação em si, que deve ser avaliada. Portanto, Nietzsche, coloca nas mãos humanas a origem e a manipulação da moralidade.

Considerações Finais

A relevância em problematizar o eterno retorno do mesmo como método avaliativo de nossas ações consiste, não apenas em evidenciar a contribuição de Nietzsche a superação da moralidade decadente e propor a superação e a transvaloração dos valores, fornecendo um critério formal para toda a ação possível, de uma “maneira análoga” ao imperativo moral kantiano. Como também em fomentar o debate acerca da complexidade de temas envolvidos no pensamento do eterno retorno. Como, por exemplo, no que diz respeito ao debate cosmológico e/ou ético existencial da eterna recorrência.

De acordo com Leidens (2011), “O eterno retorno do mesmo pode ser caracterizado tanto como uma suprema forma de afirmação quanto como uma perspectiva niilista/negativa” (LEIDENS, 2011, p. 104). Entretanto, dentre a complexidade de temas que envolvem os debates acerca do pensamento da eterna recorrência, uma delas nos diz respeito.

A saber, a face ética do eterno retorno do mesmo. Disso se ocupou Marton em seu artigo O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético (2011, p. 85-118). Em linhas gerais, Marton opõe-se a discussão corrente que compreende o pensamento do eterno retorno, ou como uma tese cosmológica ou como um imperativo ético existencial. Em resposta, Marton (2001) argumenta que ambas se impõem ao mesmo tempo, uma vez que o eterno retorno realiza uma caracterização do mundo que inclui o homem como parte constitutiva dessa dinâmica cosmológica. Nas palavras dela:

O eterno retorno: tese cosmológica ou imperativo ético? A questão deixa de ter sentido. Exortar a que se viva como se essa vida retornasse inúmeras vezes não se restringe a advertir sobre a conduta humana; é mais do que um imperativo ético. Sustentar que, queiramos ou não, esta vida retorna inúmeras vezes não se limita a descrever o mundo; é mais do que uma tese cosmológica. O eterno retorno é parte constitutiva de um projeto que acaba com a primazia da subjetividade. Destronado, o homem deixa de ser sujeito frente à realidade para tornar-se parte do mundo (MARTON, 2001, p. 118).

Marton é incisiva quanto à necessidade de se assumir essa dupla consideração do pensamento do retorno. Segundo ela, se pensada em termos de exclusão “a questão deixa de ter sentido”. Não há que se tomar partido por uma ou outra face desse pensamento, entretanto, a intérprete segundo Barbosa (2010), não explica de que modo essa dupla face do eterno retorno colabora com o projeto de destruição da subjetividade. Contudo, entendemos que, mesmo admitindo essa dupla consideração complexa do eterno retorno, é possível, em relação do que se pretende mostrar, privilegiar o aspecto ético do retorno, não apenas por se tratar de uma tentativa de considerar a vida e o mundo do ponto de vista de uma afirmação incondicional, mas em tomar o eterno retorno do mesmo como imperativo prático que visa avaliar as ações. Para Fonseca (2010) a ideia do eterno retorno sob o prisma da interpretação ética é o que torna como unicamente original a doutrina nietzschiana. Sendo a cosmológica uma rerepresentação das ideias dos antigos, pois, Nietzsche compreende que os fatos, assim como ocorreram uma vez, ocorreriam infinitas vezes. O tempo seria circular e a vida revivida eternamente, do mesmo modo e na mesma sequência. Suposição que já fora aventada pelos gregos. Sendo assim, Nietzsche estaria representando uma ideia dos antigos; e a interpretação ética é a única original extraída por Nietzsche desse pensamento. A interpretação ética, portanto, atribui um peso a cada ação, peso que é o “mais pesado dos pesos”.

Referências Bibliográficas

ARALDI, Claudemir Luís. **Nietzsche como crítico da Moral**. Revista Dissertatio, 27-27, pp. 33-51, Pelotas, 2008.

_____. **Nilismo, Criação, Aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos**. São Paulo. Discurso Editorial: Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2004.

BAILEY, Tom. **As abordagens de Nietzsche acerca da epistemologia e da ética kantianas**. Cadernos Nietzsche, v. 29, 2011.

BARBOSA, Ildelfonso Meireles. **O pensamento do eterno retorno e da vontade de poder como superação das teologias cristã e científica**. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1º semestre, 2010. Vol.3, nº 1, pp. 71-89.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. 1º Ed brasileira. Trad: Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DE MELO NETO, João Evangelista. **Nietzsche: o eterno retorno do mesmo, a transvaloração dos valores e a noção do trágico**. Tese de doutorado em Filosofia. USP. São Paulo, 2013.

FINK, Eugen. **A filosofia de Nietzsche**. Editora Presença, 1983.

FOUCAULT; Michel. Nietzsche, Genealogia e História. **In: Microfísica do Poder**. Org e Trad: Roberto Machado, Rio de Janeiro. Reimpressão, 29ª. Edições Graal, 2011.

FONSECA, Ana Carolina da Costa e. “Uma leitura nietzschiana da questão da responsabilidade moral”. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

GIACÓIA, Júnior, Oswaldo. **Nietzsche & Para Além do bem e do Mal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. Nietzsche. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000. (Folha explica).

HAASE, Ullrich. Nietzsche. Trad. Edgar da Rocha Marques. Porto Alegre: Artmed, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Nietzsche; Volume I. Tradução de Marco Antônio Casanova. RJ, Forense Universitária, 2010.

LEIDENS, Francisco Rafael. Solidão e Comunicação em Nietzsche: Uma tensão na obra “Assim Falava Zaratustra”. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Pelotas, 2011.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra: tragédia nietzschiana**. RJ. Editora Jorge Zahar, 1997.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. 3.ed. Belo Horizonte: Editora, UFMG, 2010.

_____. “O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?”, in: Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, pp85-118.

MÜLLER-LAUTER, M. **Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia**. Trad. Clademir Araldi, São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

_____. **Décadence artística enquanto decadence fisiológica**. Trad. Scarlett Marton. Cadernos Nietzsche, São Paulo, n. 6, 1999, p. 23.

NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Aurora: reflexões sobre os pré-conceitos morais**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Ecce Homo: Como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Genealogia da Moral**. Trad. Mário Ferreira dos Santos. 4º Ed. Rio de Janeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007._____.

_____. **O Caso Wagner: Um problema para Músicos e Nietzsche Contra Wagner: Dossiê de um Psicólogo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro.** Coleção os Pensadores.

RUBIRA, L. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores.** São Paulo, Tese de Doutorado em Filosofia, USP, 2008.

WOTLING, Patrick. **Vocabulário de Nietzsche.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2011.

WOOD, Allen W. Kant. Tradução de Declamar José Volpato Dutra. Porto Alegre. Artemed, 2008.